

RELATÓRIO PARCIAL DE ATIVIDADES

AGOSTO/1990

DR. ISTVAN VAN DEURSEN VARGA

Contatados em 26 de julho de 1990 pelo Dr. Eugênio Aragão, Procurador da República, no sentido de verificar nossa disponibilidade e sugestões técnicas para a organização do Inquérito Sanitário Yanomami (logo acordando-nos quanto a objetivos, metodologias e roteiro de atividades por seguir), passamos a dedicar-nos ao levantamento dos dados técnicos disponíveis para subsidiar nossa viagem à área, por ocorrer no período entre 15 e 24 de agosto (data limite de término imposta por compromissos junto à Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo).

O telex (PGR GAB NR 413) do Procurador Geral da República, dirigido ao Secretário de Saúde do Estado de São Paulo, emitido em 13/8/90, oficializa a referida solicitação, prontamente atendida. A portaria de No. 01 de 21 de agosto de 1990 da Procuradoria Geral da República (DOU de 23/8/1990, seção I, pg. 8.209), corrobora nossa vinculação a este Inquérito, na qualidade de "perito" designado pelo Ministério Público Federal.

As conclusões a que fomos levados, a partir deste levantamento preliminar de dados, subsidiaram grande parte do projeto do Inquérito de saúde sobre a população Yanomami, que ora encaminhamos; além de nos fornecer, como dizíamos, parâmetros de referência para a nossa breve viagem à área, no intento de verificarmos, in loco, as condições técnicas para o seu prosseguimento imediato.

Na seqüência relatamos, em ordem cronológica, nossa viagem à região da Serra do Surucucus (parte sob jurisdição do PIN Paapiú, parte sob o PIN Surucucus).

20/8/90

- embarque GRU-BSB VSP 236 (12:30h)
- chegada 14:00h. Viatura da Procuradoria Geral da República (PGR) aguarda-nos, conduzindo-nos à sede da mesma, para entrevista com os Drs. Aragão e Santoro.
- edifício da PGR sem energia elétrica (blackout em Brasília, greve dos eletricitários); após 40 minutos de entrevista com o Dr. Santoro, durante os quais o Dr. Aragão providenciava nossas passagens aéreas BSB-MAO e MAO-BVB (sem reservas), inicia-se entrevista com o Sr. Nilson (coordenador da operação de retirada dos garimpeiros da área Yanomami - FUNAI), para o estabelecimento de nosso roteiro prioritário de viagem, na forma que segue:
21/8/90 - PIN Surucucus

(dia dedicado a entrevistas e coleta de informações com a equipe de saúde - FUNAI/SUCAM - daquele PIN).

22/8/90

manhã: sobrevôo de toda AIN Surucucus

tarde: a) pista do Jeremias (privilegiando entrevista com D. Francisca, laboratorista da FUNAI)

b) pista do Macarrão

23/8/90

manhã: Paapiã

tarde: Vale do Caveira

24/8/90

manhã: pista do Xiriana

tarde: pista do Lauro (aldeia Uatatas)

25/8/90

retorno a Boa Vista

- após a entrevista conjunta (Dr. Santoro, Sr. Nilson), aguardávamos redação, da parte do Dr. Aragão, da portaria 01 de 21/8/90 da PGR de cuja emissão levaríamos, em mãos, cópia do texto definitivo
- no decurso da conclusão da redação da referida portaria, fomos acolhidos e conduzidos à residência de Memélia Moreira, assessora de imprensa da PGR, onde nos deveríamos entrevistar com o antropólogo Bruce Albert (ORSTOM/UnB) de larga experiência na Área Yanomami. Segundo Memélia, o fac-símile da referida portaria ser-nos-ia entregue pessoalmente pelo Dr. Aragão em tempo hábil
- por volta das 22:00h dirigimo-nos ao aeroporto de Brasília, no intuito de obtermos nossa reserva já para o voo BSB-MAO das 23:45h. Estando lotada a lista dos passageiros para este voo, aguardávamos a chamada da lista de espera
- aguardando, portanto, a referida lista de espera, deparamo-nos casualmente com Tininho Machado, irmão do empresário de garimpo e candidato ao Senado (PMDB/RR), Altino Machado. Como estávamos na companhia de Bruce Albert, seu conhecido de havia já algum tempo, inevitável e perceptivelmente fomos por ele notados, inclusive em nossa tentativa de nos inserirmos na lista de passageiros BSB-MAO
- fracassada a tentativa de nos incluirmos neste voo, retornamos à residência de Memélia, onde pernoitamos

21/8/90

- voo Varig BSB-MAD
- antes do embarque fomos instruídos por Memélia a, logo ao chegar a MAD, dirigirmo-nos à sede da Polícia Federal em Manaus para que entrássemos em contato com o Coordenador Regional Judicial de Manaus
- em MAD recebidos pela irmã do Dr. Santoro, fomos conduzidos e acolhidos em sua residência enquanto aguardávamos instruções de Brasília (modificando instrução anterior para que nos dirigíssemos à sede da PF de Manaus)
- retornando ao aeroporto de Manaus seguimos as instruções transmitidas de Brasília para nos dirigirmos à Infraero e entrarmos em contato com o Superintendente Brito. Feito o contato, aguardamos o embarque do voo Varig/Cruzeiro MAD-BVB
- logo ao chegarmos a Boa Vista, fomos chamados nominalmente pelos alto-falantes em solicitação para que nos dirigíssemos ao balcão da Infraero. Fomos rapidamente encaminhados por viatura da FAB ao alojamento dos oficiais da Base Aérea. Fomos informados que o "Super-Puma" que nos aguardava decolaria às 7:30h da manhã seguinte

22/8/90

- às 7:00h dirigimo-nos ao refeitório da Base para o café da manhã (já em "roupa de guerra" - shorts, camiseta, tênis). Refeitório vazio, rapidamente travamos contato com um de seus únicos frequentadores - o Tenente Harami - que se nos apresentou como membro da tripulação do "Super-Puma", dizendo-nos: "esperávamos um velho, de terno e gravata e pastinha de mão, como todos os que vêm de Brasília ! ..." Em tom coloquial esclarecemos que, na verdade, estávamos preparados para caminhadas no mato, de modo a conhecer de fato o que se estaria passando na região. No decorrer de nosso diálogo, o Ten. Harami pareceu-nos sinceramente preocupado com o destino dos Yanomami e com a calamidade do garimpo
- apresentados, pelo Ten. Harami, a outros membros da tripulação do helicóptero: Ten. Coelho (piloto), Ten. Zotarelli (co-piloto). Ten. Harami notificou-nos de seu posto de "mecânico" naquela tripulação; apresentados a dois outros tripulantes do "Super-Puma", perfazendo, ao

todo, cinco tripulantes armados com pistolas de calibre 45. Esclarecidos quanto às normas de segurança para vôo naquele aparelho: apenas abandonar a aeronave após aquiescência e orientação do "mecânico" Harami

- fizemos rápida exposição, ao Ten. Coelho, dos objetivos e do roteiro mínimo da missão. Sugerimos, caso o tempo disponível no-lo permitisse, a visita a outras áreas não incluídas no roteiro definido por Nilson (FUNAI)
- decolamos; após breve sobrevôo em torno do aeroporto, tornamos a pousar, para uma rápida verificação do rotor pelo Ten. Harami
- partimos em direção a Surucucus. De comum acordo com o Ten. Coelho, aproveitamos o roteiro da ida para já fazermos o sobrevôo da área, programado para o segundo dia de nosso roteiro de trabalho:
 1. Paapiú
 2. Vale do Caveira (onde, além dos sinais da operação de retirada dos garimpeiros - barracos queimados - contamos cerca de 4 barracos novos, com equipamento e maquinário instalados) (v. fotos)
 3. Alto Mucajai
 4. Pista do Baiano Formiga
 5. Moxaiatheri
 6. Pista do Jeremias
 7. Pista do Lauro
 8. Pista do Xiriana, que fora explodida durante a operação de retirada dos garimpeiros pela PF e que fora recuperada com o uso das próprias mangueiras do garimpo, que permaneceram no local (v. fotos)
 9. Pista Rainha do Inajã e Igarapê do Inajã, onde avistamos e perseguimos um helicóptero e um monomotor em plena operação de apoio ao garimpo, além de termos constatado importante presença garimpeira na região
 10. Região do Alto Parima, onde sobrevoamos várias pistas que também haviam sido explodidas e recuperadas posteriormente, apresentando claros sinais de uso recente por aviões (marcas de pneus)
 11. Pista do Capixaba, onde constatamos a mais expressiva presença garimpeira, de 80 a 100 barracos avistados e contados, o que significa algo em torno de 1000 garimpeiros trabalhando naquela região
 12. Pista do Osvaldo
 13. Pista do Raimundo Neném
 14. Surucucus

- ao chegarmos a Surucucus fomos apresentados ao Delegado Mário, enquanto responsável pelo comando de todo o contingente de agentes da Polícia Federal presente na região (num total de 10 homens: 4 no Surucucus, 6 no Jeremias); também apresentados ao Ten. Nelson, no comando da Base Militar do Exército em Surucucus
- almoço, durante o qual o Del. Mário nos relatou parte das atividades e dificuldades da operação de retirada dos garimpeiros daquela região, denunciando veementemente os boatos, divulgados pela imprensa, de confrontos armados, de mortes, de destruição sumária de máquinas do garimpo, além dos jogos de influência dos políticos roraimenses, que estariam confundindo a opinião pública local quanto à real definição e localização das áreas de impacto da operação; todos estes fatores estariam apenas contribuindo para aumentar o clima de tensão, "colocando mais lenha na fogueira" e dificultando consideravelmente todo o trabalho. Mesmo após certificado de nossa compreensão quanto à extrema dificuldade, tensão e risco que envolveria o seu trabalho, Del. Mário negou qualquer incidente de confronto violento com os garimpeiros. Relatou-nos também que no rio Uraricoera, a cerca de 1:30h de viagem de voadeira, acima da pista de Uaicás, haveria uma "boate" instalada sobre uma balsa de garimpo, local de "shows" e prostituição a serviço do garimpo. Também no Uaicás Índios Maiongong teriam apreendido uma voadeira com cerca de 50 galões de óleo, proveniente da pista do Osvaldo
- apresentados ao Chefe de Posto da FUNAI, Gonçalo, à médica Cida, aos funcionários da SUCAM, Pinheiro e Vinicius. Sugerimos que, se possível, passassem a nos acompanhar em todas as viagens que faríamos às várias aldeias e pistas, levando consigo material necessário para coleta de lâminas e medicamentos de urgência
- acompanhados desta equipe de saúde, do Del. Mário e de três agentes da Polícia Federal, além do Ten. Nelson e da tripulação do helicóptero, decolamos rumo ao Paapiã
- no Paapiã apresentamo-nos à equipe de saúde que ali trabalhava desde 13/8: Dr. João Guerreiro, Dra. Goretti Menezes; aos técnicos de laboratório Sra. Sandra Monteiro e Edson Sales; e à enfermeira Ilma Mera-todos da Universidade Federal do Pará. Relataram-nos que, além de prestar tratamento médico aos doentes daquela comunidade, vêm fazendo exames sistemáticos de fezes, urina e sangue, como também análises do grau de contaminação da água em uso pelos índios, notificando-nos da expressiva presença de amebas e outros

coliformes fecais na mesma. Estavam ali sob tratamento de uretrite aguda, por diplococos gram-negativos, duas Yanomami: Dorotêia do Irobrerep e Wareme de Boimop; além de Mariana, Soraia, Noemia, Valdir e Boneca do Paapiû, acometidos de malária por *plamodium falciparum*, cujo tratamento apresentava bons resultados. A equipe de saúde também nos relatou dois casos de enterite aguda com presença de leucócitos nas fezes. Dado o alto grau de desnutrição em que teria encontrado os Yanomami daquela comunidade, a equipe da UFFa estava fornecendo-lhes mingau de arroz pela manhã e à tarde. Comentaram, no entanto, que os índios estariam retomando as atividades da roça, com a plantação de batatas e mandioca, além do gradativo, porém promissor, retorno da caça aos arredores - uma semana antes uma das comunidades vizinhas teria conseguido abater uma anta, motivo de júbilo. Causou-nos forte impressão a cena que presenciámos de um índio retornando de uma pesca relativamente bem sucedida. De modo geral, o aspecto das redondezas demonstrava poucos resquícios da intensa presença garimpeira que antes caracterizava a região: a mata já cobria todos os descampados e os restos dos barracos e equipamentos espalhados ao longo da pista

- como manifestáramos a intenção de visitar a pista do Capixaba e arredores, que apresentava grande concentração garimpeira, o Del. Mário disse ser necessário buscar o reforço dos 6 agentes da PF que estariam a postos na pista do Jeremias
- ao visitarmos a pista do Jeremias, fomos apresentados a D. Francisca, técnica de laboratório, e Vilma, auxiliar de enfermagem, ambas da FUNAI. Relataram-nos que do dia 2/8 a 20/8 teriam feito 135 atendimentos na enfermaria ali improvisada com os plásticos deixados pelos garimpeiros (v. fotos). Como não contassem com o trabalho de intérpretes, nem D. Francisca nem Vilma conseguiam comunicar-se com os índios, sequer o suficiente para identificá-los individualmente, para registrar sua procedência ou para lograr concluir adequadamente os tratamentos em curso; vários dos pacientes em tratamento abandonavam-no muito antes de seu término, em função da recente falta de alimentos naquele posto da FUNAI. Elas próprias estimavam, portanto, que este número de 135 atendimentos realizados referir-se-ia a cerca de 80 pessoas. Dentre estes atendimentos teriam sido feitos os seguintes diagnósticos: 35 casos de malária por *p. vivax*, 15 por *p. falciparum*, 4 casos mistos (num total de 54 casos); 15 casos de escabiose; 13 casos de piодermite; 12 casos de verminose; 12 casos de conjuntivite; 4 casos de bronquite; 5 casos de gripe; 6 casos de desnutrição; 10

casos de cefaléia; 4 casos de otite externa; 6 casos de amigdalite. Esta população Yanomami que estaria recorrendo ao posto da FUNAI no Jeremias seria proveniente, grosso modo, das aldeias Homoxi e Macarrão, sendo estimada num número em torno de 150 pessoas. D. Francisca relatou-nos que cerca de uma semana antes um agente da PF, retornando da operação de retirada dos garimpeiros da pista do Chimarrão, encontrara uma mulher Yanomami, de cerca de 30 anos, quase morta acompanhada de seu filho pequeno; tanto a mulher quanto a criança foram trazidos nos braços dos agentes da PF ao posto do Jeremias; constatou-se que esta mulher, cujo nome e procedência não se pode identificar, estava acometida de malária e oncocercose. Segundo D. Francisca, tendo apresentado ligeira melhora em seu quadro clínico em vista do tratamento iniciado, esta mulher já tentara várias vezes abandonar o posto e o tratamento, arrancando de seu braço o equipo de soro. Como manifestássemos o desejo de visitar pessoalmente a comunidade de Homoxi, distante cerca de 3 horas de caminhada da pista Jeremias (em vista de não haver condições de pouso para o "Super-Puma" nas proximidades daquela maloca), D. Francisca combinou com um de seus habitantes nossa visita para o dia seguinte

decolamos em direção à pista Cassiterita, de propriedade do empresário de garimpo José Altino Machado. Este reivindicava que sua localização estaria fora de qualquer área indígena - o Sr. Machado fora a Brasília numa tentativa de esclarecimento da situação e prometera trazer uma resposta positiva ainda naquela semana. Nesta pista mantivemos entrevista com o Sr. Jair, administrador da mesma, duramente repreendido pelo Del. Mário por não ter atendido ao "acordo de cavalheiros" com ele estabelecido uma semana antes para paralizar completamente todas as atividades de transporte e de garimpo nas suas imediações. Nossa chegada surpreendera um carregamento de 5 tambores de combustível que acabara de ser trazido na aeronave de prefixo PT-JHT (v. foto); seu piloto, também duramente repreendido, teve o número de sua licença anotado e apreendida sua espingarda, não tendo sido encontrada qualquer munição no local, mesmo após minuciosa revista do aparelho e dos barracos na cabeceira da pista. Despejado o combustível e inutilizados os tambores (com perfurações feitas a faca, visto serem de plástico), acompanhamos o Del. Mário e demais agentes da PF, na revista dos depósitos de cassiterita e de motores, também localizados na cabeceira da pista (contamos 5 motores que estariam para ser removidos para Boa Vista). Segundo o Sr. Jair, aquele combustível deveria ser utilizado no gerador de energia elétrica do local,

não sendo destinado ao abastecimento do maquinário de garimpo; ao ser questionado por um dos agentes sobre quanto tempo ele pretendia manter em funcionamento tal gerador, o Sr. Jair respondeu que seria por apenas mais duas semanas, tempo suficiente para o término dos trabalhos de remoção da cassiterita já estocada; o agente da PF argumentou que os 5 tambores de combustível seriam capazes de abastecer o mesmo gerador por cerca de um mês, no que foi contestado de maneira pouco convincente pelo Sr. Jair. O Del. Mário reagiu com estranheza quanto ao prazo da operação; o Sr. Jair esclareceu que além daquela cassiterita já ensacada e pronta para embarque, guardada no depósito, haveria mais uma outra grande remessa nas imediações, cujo ensacamento já estava estragado e que requeriria novo acondicionamento para transporte. Interrogado sobre a localização desta outra remessa, o Sr. Jair indicou um sítio na mata, a cerca de 2 horas de caminhada da pista; no entanto, não dispúnhamos de mais tempo para averiguar esse local. O Del. Mário argumentava que nessas condições a operação de retirada da cassiterita já extraída duraria muito mais do que duas semanas; o Sr. Jair contestou-o, explicando que aeronaves pequenas transportariam a cassiterita daquela pista para a pista do Lauro, a 10 minutos de voo; lá ela seria embarcada num DC-3 de grande capacidade de carga, o que agilizaria toda a operação. Reiterando a ordem de paralização total das atividades na pista, em vista da pouca probabilidade de que José Altino Machado fosse bem sucedido nos seus intentos em Brasília (o que significaria a breve desocupação definitiva da pista e redondezas), o Del. Mário chamou-nos a atenção para as mulheres que nos observavam dos barracos e perguntou-lhes o que ainda faziam ali, de vez que já intimadas a retirar-se do local na semana anterior. O piloto da aeronave já referida, mostrando-se extremamente irritado com as repreensões recebidas, o derramamento do combustível e a inutilização dos tambores, declarou tratar-se de um desperdício absurdo, pois os mesmos poderiam ser simplesmente apreendidos e utilizados para outros fins; encarando-nos com grande desconfiança, perguntava ao Del. Mário se éramos de fato brasileiros e o que fazíamos ali, recebendo como resposta do Del. Mário, em tom incisivo, o esclarecimento de que éramos médico enviado pela PGR para investigar a situação de saúde em que se encontravam os Yanomami. Na caminhada em direção ao helicóptero, fomos abordados por um garimpeiro maranhense que nos pedia uma carona para qualquer outra pista; sua intenção era de abandonar o quanto antes aquele local, mas todo o ouro que possuía permitir-lhe-ia apenas pagar a "perna" de volta a Boa Vista, depois do que nada lhe restaria; pai de três

filhos, há dois anos não via a sua família. Sem ele, decolamos rumo à pista do Lauro

- nossa chegada fora, há pouco, antecedida pela aterrissagem de uma aeronave da companhia de táxi aéreo Cruzeiro, também de propriedade do Sr. José Altino Machado (v. fotos). Igualmente repreendido pela persistência das atividades de transporte de materiais de garimpo naquela pista, seu administrador tomou atitude diametralmente oposta à do Sr. Jair, declarando ao Del. Mário que, se soubesse dos riscos e da ilegalidade daquelas atividades, jamais teria aceito aquela incumbência, responsabilizando diretamente o Sr. Machado pela desobediência às ordens das autoridades. Caminhamos em direção aos barracos improvisados dos mais de 200 Yanomami que habitam a cabeceira daquela pista, atraídos pela freqüente distribuição de medicamentos, alimentos (bolachas, farinha, arroz), além das roupas e óculos escuros que ali podem adquirir e exibir. Uma mulher Yanomami, que andava apoiada num pedaço de pau queixando-se de muitas dores na coluna lombar, ao saber que entre nós havia médicos, veio solicitar-nos auxílio e tratamento, motivo por que foi por nós removida, juntamente com seu filho, para o posto de Surucucus onde receberia tratamento adequado pela equipe da FUNAI (v. fotos). Como de rotina, foram anotados o prefixo da aeronave da Cia. Cruzeiro de táxi aéreo, bem como de outro monomotor que ali pousara na nossa presença; igualmente repreendidos seus respectivos pilotos
- como já estivesse escurecendo, retornamos a Surucucus, sendo aconselhados pelo Ten. Coelho a deixar a visita à pista do Capixaba para o dia seguinte
- à noite, quando programávamos nosso roteiro de atividades para o dia seguinte, recebemos da Dr. Cida (FUNAI) a sugestão de que não fôssemos ao Homoxi, em função das dificuldades que teríamos para a remoção dos prováveis casos graves que ali encontraríamos; melhor seria aguardar a vinda do helicóptero "Esquilo", prometida para a semana seguinte. Em vez disso, poderíamos visitar a região do Parafuri, próxima à pista Xiriana, de acesso supostamente mais fácil. Como tencionávamos somar esforços, em nosso trabalho, com a equipe de saúde ali presente, acatamos tal sugestão

23/8/90

- decolamos em direção à pista do Xiriana, que se encontrava deserta, motivo por que não pousamos; passamos a sobrevoar as redondezas, de modo a localizar as malocas em cujas proximidades houvesse condições de

pouso. A primeira maloca que conseguimos visitar fora recentemente abandonada, exibindo vestígios de fogueiras recentes, além de painéis de alumínio penduradas (ausência provavelmente temporária); também conseguimos pousar a alguns metros da comunidade de Hakoma, onde só encontramos uma criança e uma mulher que nos explicou que todos tinham saído para uma expedição de caça

- sobrevoamos a região do Botomata, que sabíamos enfrentar grave situação de saúde; ao barulho do helicóptero os índios rapidamente saíram de suas malocas acenando em nossa direção, mas como não houvesse condições de pouso (terreno em grande declive), voltamos a Surucucus
- à tarde, como Ten. Coelho notara que o estoque de combustível na pista em breve se esgotaria, e como a vinda do avião "Caravan", que traria de Boa Vista um juiz e uma procuradora (além de novo estoque de combustível), fora adiada por tempo indeterminado, sugeriu-nos um breve retorno a Boa Vista para novo carregamento de combustível. Como também precisávamos comprar mais filmes fotográficos, resolvemos acompanhá-lo. Conosco também embarcou o contingente de 10 PF que desceriam na região do baixo Mucajal para investigar a situação de uma balsa da Companhia de Manutenção da Região Amazônica (COMARA) que estaria sendo impedida de passar pelos índios daquela área, que a tomariam por balsa destinada ao garimpo
- aterrissamos, portanto, no baixo Mucajal, onde foram deixados os PF. Retornaríamos a seguir para apanhá-los para a visita à pista do Capixaba
- rumo a Boa Vista, enquanto sobrevoávamos a extremidade norte da suposta "Reserva Garimpeira" do Catrimani, notamos 5 pistas e vários barracos em atividade. Também notamos, para além da margem esquerda do rio Mucajal (ao norte, portanto, da "Reserva Garimpeira", em plena Área de Floresta Nacional), uma pista de pouso e duas balsas de garimpo em atividade
- como o radar do helicóptero assinalasse grande concentração de densas nuvens de chuva adiante, fomos obrigados a retornar a Surucucus, por falta de condições de voo
- dedicamos o resto da tarde ao estudo dos mapas da região na companhia do Ten. Coelho que nos reconstituiu, na medida de seus limitados conhecimentos da área (não soube identificar por nome várias das

pistas sobrevoadas). Juntos procuramos calcular, no mapa, as possíveis coordenadas aproximadas das malocas perto das quais pousamos pela manhã: 1) 3.17'N, 63.50'W; 2) 2.45'N, 63.38'W

- à tardinha colhemos as informações das últimas duas semanas de trabalho da equipe de saúde da FUNAI daquele posto: de 18 a 20/8/90 foram feitas 71 lâminas dos Yanomami que habitam a pista do Lauro - apenas 5 foram positivas para p. vivax (o que é considerado um resultado relativamente satisfatório). Em 21/8/90 foram colhidas 45 lâminas na pista de Uaicás, sendo apenas 2 positivas para p. falciparum. Nessa ocasião a Dra. Cida disse ter presenciado ali um dos índios cobrando o pouso de aeronaves em gramas de ouro

24/8/90

- logo pela manhã decolamos mais uma vez rumo a Boa Vista, levando conosco o chefe de posto Gonçalo e sua esposa que ali permaneceriam durante o fim de semana
- pousamos rapidamente no Paapiú para a entrega de um litro de água tamponada e de uma caixa de medicamentos que estaria sendo solicitada pela equipe de saúde que ali trabalhava. Conhecemos Ivanildo Yanomami que nos fora prometido como intérprete nessa viagem pelo Dr. Aragão; perguntamos por que não quisera aceitar este convite e nos disse que estaria muito ocupado auxiliando os trabalhos da abertura de roças no Paapiú; mesmo após nossa insistência, ele continuou recusando nosso convite. Interrogado por nós quanto ao nome e procedência dos 5 Yanomami que recentemente teriam falecido acometidos de malária nas redondezas, disse-nos que desconhecia seus nomes e que apenas poderia relatar-nos sua procedência: 3 do Xaata e 2 do Araú
- decolamos rumo a Boa Vista e reiteramos, junto ao Ten. Coelho e ao Del. Mário, nossa intenção de visitar a pista do Capixaba; prometeram-nos que apenas reabasteceríamos o helicóptero, apanharíamos novo estoque de combustível e retornaríamos a Surucucus para, logo à tarde, com o reforço do contingente de PF deixado no dia anterior no alto Mucajal, realizarmos tal visita
- logo ao chegarmos a Boa Vista, fomos notificados de uma pane que teria ocorrido na turbina direita do helicóptero, motivo por que ele teria que imediatamente ser submetido a uma revisão mecânica em Manaus. Em função desta pane, sua capacidade de carga estaria

muito limitada e fomos aconselhados a permanecer na base aérea de Boa Vista para que o aparelho pudesse retirar da área o restante do contingente de PF que permanecera no alto Mucajai. Ten. Harami encarregar-se-ia de apanhar nossa bagagem que deixamos no alojamento do Ten. Nelson em Surucucus, onde pernoitávamos. O Del. Mário, portanto, retornou com o "Super-Puma" para trazer os agentes a Boa Vista, onde permaneceriam enquanto não dispusessem de apoio aéreo

- à tarde fomos visitar a sede da FUNAI em Boa Vista, apresentando-nos ao Sr. Nicolle. Como estivesse muito ocupado, quase não conseguimos conversar
- ^{voltamos} ~~pernoitamos~~ ao alojamento dos oficiais da Base Aérea de Boa Vista, retornando a Brasília no dia seguinte.

madrugada do